

Fellipe Alves Gomes

O papel da Internet na *Primavera Árabe*

No artigo escrito por Francisco Arlindo Alves sobre *A Hipótese do novo Paradigma na Internet*, o autor desenvolve uma abordagem sobre a hipótese levantada por autores como Lessig e Benkler de que inovações tecnológicas com impacto direto sobre a geração, distribuição e compartilhamento de informação poderiam afetar também a dinâmica na sociedade através da revisão de valores intrínsecos a vida contemporânea. Segundo o próprio autor a hipótese defende que “as inovações possibilitadas pelo design de ferramentas colaborativas e o compartilhamento em massa na internet permitem renegociar os termos da liberdade e da justiça, criando uma nova ordem global” (ALVES, 2007, p. 1). Francisco pretende compreender os processos de inovação para conseguir fundamentos teóricos que sejam capazes de avaliar o quanto a hipótese original poderia corresponder à realidade. Tomando como objeto de estudo os eventos ocorridos a partir de 2010 em países árabes do Norte da África e do Oriente Médio, a batizada Primavera Árabe em razão de comparações feitas por analistas entre estas revoluções árabes com a Primavera de Praga, salve diferenças entre ambas (MÁXIMO, 2011), pode-se encontrar uma fonte de evidências que comprovariam de forma prática a hipótese analisada por Francisco.

As manifestações ocorridas na dita *Primavera Árabe*, principalmente a Revolução Egípcia, acabaram por chamar a atenção do mundo pela massiva participação popular nos movimentos contra os regimes autoritários incapazes de prover o bem-estar de seu povo (MÁXIMO, 2011). Máximo não só destaca os motivos das revoltas como também o papel da internet ao afirmar que “os protestos foram impulsionados por características econômicas, políticas e sociais de cada país e o uso da internet e das novas mídias sociais serviu como um *locus* para debate, um veículo de informações e uma ferramenta de organização para os protestantes” (MÁXIMO, 2011, p. 2), porém a autora faz questão de ressaltar que a internet e as mídias sociais não impulsionaram os conflitos, apenas serviram como uma ferramenta ao reafirmar que “estas revoltas não foram causadas pelo papel exclusivo e inovador da internet e das mídias sociais atuais como difusores globais de informações e expectativas. (...) antes de causarem a revolução, serviram como uma nova ferramenta de informação, debate e organização” (MÁXIMO, 2011, p. 2). Estas revoluções árabes, que começaram com a revolta da população da Tunísia, em Dezembro de 2010, e acabaram por incentivar a população de outros Estados – Egito e Líbia –, não são um fenômeno novo, segundo Máximo “a insatisfação e a revolta da população árabe contra seus governos antiquados já datavam de 1919” (MÁXIMO, 2011, p. 1). Citando Goldstone a autora afirma que as revoluções árabes estão protestando contra um tipo específico de regime denominado sultanístico e que para mantê-los

os sultões procuram dominar o aparato militar de seu Estado, assim como promover o desenvolvimento econômico (com grande concentração e desigualdade de renda em favor de seus aliados) e manter sua população despolitizada e desorganizada. Estas (...) são encontradas, de fato, nos governos árabes do Oriente Médio e Norte da África (MÁXIMO, 2011, p. 2).

A grave desigualdade social proveniente da concentração de renda gerada nestes tipos de governo acaba por deixar a população e os militares insatisfeitos com suas condições econômicas e sociais, ao perceberem que esta situação não se repete em todos os lugares. A informação tem um papel crucial para conscientizar a população de que as condições de vida que eles possuem não são a única alternativa. Segundo OLIVEIRA e BAZI a informação deve funcionar como efeito propulsor da transformação social na sociedade atual e ao citarem Pinheiro reafirmam que “a informação vem desempenhando um papel importante na sociedade contemporânea, na medida em que sua redistribuição passa a funcionar como força motriz de transformação, minimizando diferenças e conflitos” (Pinheiro, 1999, p.17 apud OLIVEIRA e BAZI, 2008, p. 125). Os autores reforçando a ideia de que a internet é um poderoso veículo de informação afirmam que

O vertiginoso desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação tem propiciado uma crescente troca de informações entre indivíduos de diversos países, com características e realidades diferentes. A rede Internet, com o crescente desenvolvimento das telecomunicações tem sido o principal meio utilizado para esse fim, integrando várias pessoas na era digital (OLIVEIRA e BAZI, 2008, p. 125).

Segundo Alves (2007) a internet e seu uso disseminado acaba por modificar todos os domínios da vida social gerando o que ele chama de “sociedade de rede”, capaz de acarretar diferentes consequências para a vida das pessoas. Segundo ele, citando Castells, todo o potencial “reformador” que a internet oferece às pessoas depende

das próprias pessoas para ganhar vida (ALVES, 2007). O autor recorre a outros pensadores como Queau que ao propor uma reflexão sobre o papel da internet na direção do bem comum, percebe o surgimento de um novo paradigma sobre o impacto real da revolução da informação (principalmente o advento da internet) sobre os desequilíbrios globais, como as desigualdades econômicas, culturais e sociais, por exemplo. Com a popularização da informática, possibilitada pela queda nos preços de processadores em razão da livre concorrência, a informação passa a ter alta penetrabilidade na sociedade em escala global. Considerando a tecnologia um condicionante, o autor retorna na hipótese inicial definida por Blenker sobre uma transformação tecnológica, econômica e organizacional capaz de “renegociar os termos de liberdade, justiça e produtividade na sociedade da informação” (BENKLER, 2006 p. 27 apud ALVES, 2007, p. 6). Já os autores Oliveira e Bazi, também baseados em Castells, afirmam que na revolução tecnológica “usuários e criadores podem tornar-se a mesma coisa (...) os usuários podem assumir o controle da tecnologia como no caso da Internet (...) pela primeira vez na história, a mente humana é uma força direta de produção, não apenas um elemento decisivo no sistema produtivo” (Castells, 2000, p. 52 apud OLIVEIRA e BAZI, 2008, p. 119). Ainda segundo os autores, os usuários passam a ser agente criador e transformador (OLIVEIRA e BAZI, 2008).

É possível atribuir à Internet pelo menos três papéis principais na chamada Primavera Árabe, tomando como objeto de estudo principalmente a Revolução Egípcia, pois os manifestantes tiveram a oportunidade de transmitir ao mundo detalhes sobre sua revolução que acabou por findar, após mais de 30 anos, o regime autocrático do ditador Hosni Mubarak. O primeiro papel estaria relacionado à difusão de conhecimento (informação). Por não possuir conteúdo controlado pelo estado, como outras mídias populares a exemplo do rádio e da televisão, a internet disponibilizava conhecimento sobre sistemas políticos atuais de outros países bem como a História da Humanidade, repleta de exemplos de revoluções que mudaram realidades sociais no passado. Em relação ao poder de transmissão de conhecimento da internet Pim afirma que “Para o cidadão, a rede também oferece possibilidades até há pouco tempo impensáveis (...) podem aceder à mesma informação que utilizam os jornalistas e a muitas outras páginas que lhes permitem a formação de uma opinião crítica e fundamentada” (PIM, 2005, p. 213). Também confirmando a teoria de que a internet pode servir como fonte de conhecimento, Oliveira e Bazi afirmam que

Por outro lado, a Sociedade da Informação caminha a passos largos para uma Sociedade do Conhecimento, assumindo contornos diferentes na medida em que, em razão dessa explosão de informações disponibilizadas, o indivíduo é levado a desenvolver uma consciência crítica em relação ao que está sendo apresentado, a analisar a relevância disso para suas necessidades, a assumir posturas pró-ativas de busca e uso da informação e a estabelecer relações entre as informações processadas, para então produzir conhecimento (OLIVEIRA e BAZI, 2008, p. 124).

Em outro momento, pode ter funcionado como um veículo informacional capaz de transmitir para o resto do mundo as realidades destes países, antes maquiadas por seus governos, possibilitando a comoção e ajuda internacional. Em relação a informações acerca de conflitos Pim afirma em seu artigo que “é obvio que a Internet revolucionou o jornalismo de guerra, já que o acesso a certas informações e dados teria sido praticamente impossível por outras vias” (PIM, 2005, p. 201), reforçando sua opinião ao dizer que “Para os jornalistas, converte-se numa valiosa fonte de informação, permitindo o acesso direto, desde qualquer parte do mundo, aos dados proporcionados pelas partes implicadas” (PIM, 2005, p. 213).

Por último, teria servido como veículo interno de informação, capaz de possibilitar a comunicação entre os manifestantes a fim de organizar os protestos. Como destaca Máximo em seu artigo “o regime egípcio diferenciava-se do tunisiano por haver maior liberdade de expressão no Egito – o que garantiu a possibilidade de organização de grandes manifestações populares através da internet e das mídias sociais” (MÁXIMO, 2011, p. 7). Percebendo o potencial comunicacional “incontrolável” da rede o governo egípcio, até então nas mãos de Mubarak, tomou uma medida drástica ao “solicitar” aos provedores de internet do país que fossem desligados em janeiro de 2011. Cidadãos ao redor do mundo que também acompanhavam os acontecimentos pela internet, ao saber do desligamento forçaram a criarem alternativas para ajudar os egípcios. Como se observa na notícia publicada no portal online G1 em janeiro de 2011 “Voluntários e provedores europeus têm criado números de acesso discado destinado aos egípcios que buscam alguma conectividade com a rede (...) Listas com esses números circulam no país com a ajuda de organizações voluntárias” (ROHR, 2011). Também é possível confirmar o potencial da internet para fins de mobilização social em eventos ocorridos no ocidente, como aponta Pim em seu artigo ao tratar de mobilizações ocorridas frente às investidas militares realizadas no Iraque pelo governo dos Estados Unidos.

As mobilizações contra a invasão do Iraque mostram, em parte, as capacidades da Internet como instrumento de organização política e social. Nesta ocasião, houve um rol nuclear na difusão da mensagem antibélica, que motivou e mobilizou a população, servindo, além disso, para comunicar dados como horários e meios para chegar às distintas convocatórias (PIM, 2005, p. 202).

